

Simpósio Temático 4

Rosana Pereira de Freitas
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Título da Comunicação: Nem na calçada, nem na praça

RESUMO: Com um cajado na mão, “Mahatma Gandhi” caminha, dando as costas à praça que leva seu nome, no Centro do Rio de Janeiro. Presente do governo indiano ao Brasil, o bronze do escultor Sankho Chaudhuri (1916-2006) foi instalado quase na calçada, no ângulo menos visível da praça assimétrica, seu topônimo. Ao fundo se vê – como pretendia o general Ernesto Geisel o Monumento aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, do outro lado do Aterro do Flamengo. Na praça, hoje cercada, o Chafariz Val d’Osne – desligado – é incapaz de ocupar o vazio deixado pelo Palácio Monroe. A escultura é mantida fora da praça, externa ao novo gradil, e parece ter recebido um pedestal ainda maior, na tentativa inútil de protegê-la da urina. Nem na calçada, nem na praça. A partir da incômoda posição ocupada pela obra, o texto traça um paralelo entre a ambígua figura do diaspórico pacifista e a trajetória de sua efígie no Brasil. Seu cajado é transformado em um cacete, graças a um ato de vandalismo, e o “pacifista armado” ganha os jornais. O Gandhi é “exilado”, passando anos ao lado (do busto) do urbanista Alfred Agache, em um depósito da Prefeitura. A primeira inscrição do pedestal, uma citação textual do Mahatma que conclama à máxima liberdade as “criaturas de todas as terras”, desaparece misteriosamente, substituída por uma lacônica nota biográfica, após a inauguração do novo projeto urbanístico. Gandhi agora é bem cuidado: recebe banhos periódicos do primeiro cidadão a responder ao projeto da Prefeitura do Rio, “adote uma estátua”. A despeito do limbo documental em que a peça se encontra, por meio da análise comparada a outros exemplos – “O passante”, de José Resende, também no Rio de Janeiro, e do “Mahatma Gandhi” sentado, de Sankho Chaudhuri, instalado em Copenhague –, sob a falência do monumento, discute-se a vigência da escultura na arena pública.